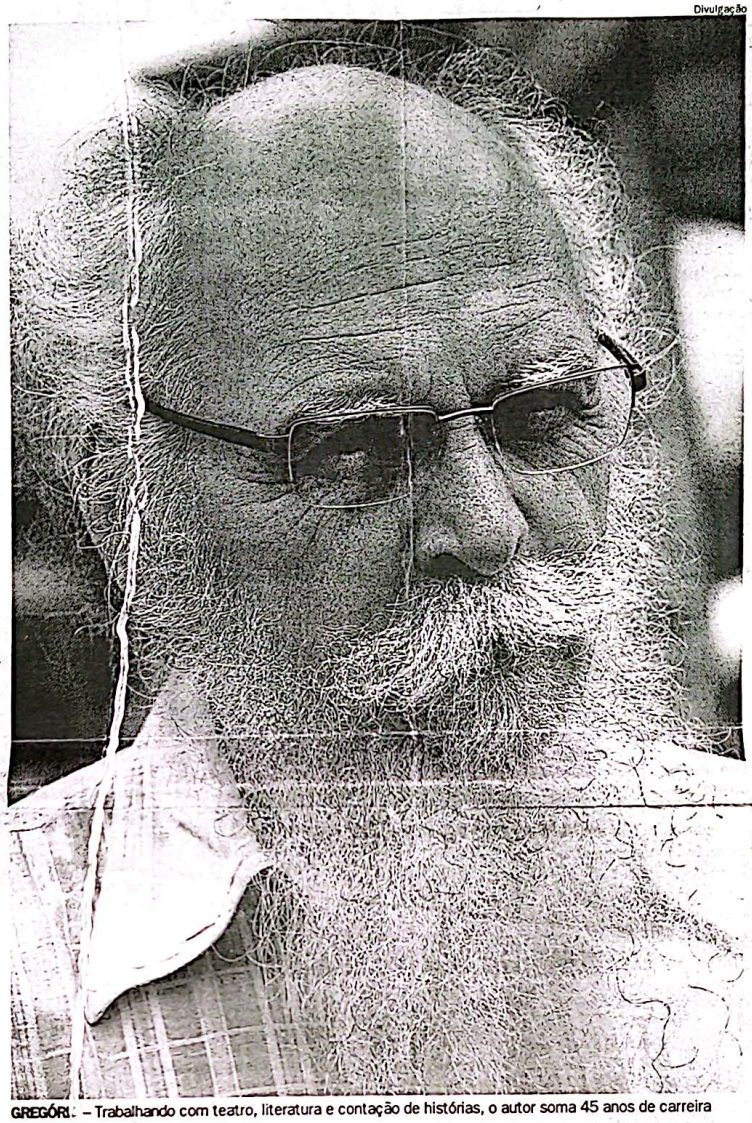
LITERATURA

Letras para atingir a plenitude

Aos 60 anos, o escritor Gregório Filho é homenageado na primeira Bienal da Floresta do Livro, no Acre

Bolívar Torres
RIO BRANCO, AC

Divulgação



GREGÓRIO – Trabalhando com teatro, literatura e contação de histórias, o autor soma 45 anos de carreira

Nos anos 50, o escritor, ator, produtor cultural e contador de histórias Gregório Filho, então um jovem aluno do Colégio Acreano, era desaconselhado por seus professores a investir na literatura. "Menino, poesia não dá sapato", diziam, prevendo um futuro nebuloso para qualquer um que se aventurasse pelo caminho da arte. Anteontem, ao subir no palco da Filmoteca da Biblioteca Pública Estadual de Rio Branco para ser homenageado durante a inauguração da primeira Bienal da Floresta do Livro e da Leitura, na capital acreana, pôde dizer com toda a convicção que seus antigos mestres estavam errados. Depois de 45 anos de atividades na área cultural, que incluem montagens de peças de Bertolt Brecht e Marcílio Moraes e um extenso trabalho na Fundação Biblioteca Nacional, afirma que os tempos mudaram. A arte da escrita não é mais amaldiçoada. A própria Bienal, primeiro grande evento literário do estado, é uma prova de que há outra mentalidade nas políticas públicas.

Tentaram fazer o autor desistir do ofício, dizendo que *ele não seria capaz de se sustentar*

– Durante minha trajetória escolar, meu envolvimento com os livros foi inibido – lembra Filho, autor de *Dona Baratinha e outras histórias* (2006) e *Ler e contar, contar e ler – Caderno de histórias* (2008). – Os professores ameaçavam, dizendo que eu não conseguiria sustentar uma família, que não conseguiria nem namorar garotas. Foi só depois, graças ao meu envolvimento com o teatro, que reencontrei o gosto e o estímulo pela literatura. Passei a entender que a plenitude da humanidade passa necessariamente pelo exercício da leitura.

Aos 60 anos, Gregório lembra a coincidência de datas entre sua iniciação na vida cultural, quando subiu num palco pela primeira vez com o grupo de teatro da escola, e a atual homenagem na Bienal. Ambas ocorreram num 29 de maio, separada por longos 45 anos. Entusiasmo pelo que define como "energia dos astros", não se furta a comparar o rigor do passado com a abertura cultural dos dias atuais.

– Agora você encontra professores que são leitores e contadores de histórias – comemora. – Há um estímulo aos alunos. A Bienal é uma manifestação da sociedade que reafirma a leitura como elemento fundamental na formação de um indivíduo. Reafirma o compromisso em promover acesso aos livros e à cultura. E a sociedade sabe disso. E as famílias pedem.

A Bienal da Floresta do Livro e da Leitura, que levou três anos para ser concebida, é o maior evento literário já produzido no Acre. Durante seus nove dias, estão programadas diversas ações, como debates com escritores, mesas redondas, conferências e palestras. Participam do evento autores de projeção nacional, como Ignácio de Loyola Brandão, Luiz Galdino e o crítico Fábio Lucas e também nomes locais como Jorge Tufic (considerado um dos principais poetas da moderna literatura amazonense), Margarete Edul Prado de Souza Lopes (professora adjunta da Universidade Federal do Acre) e Márcio Souza (escritor, dramaturgo e diretor do Tesc – Teatro Experimental do Sesc Amazonas, grupo teatral que foi pioneiro na luta pela preservação da Amazônia).

– A ideia era recuperar o conceito original de feira literária, aberta ao público, sem necessidade de cobrança de ingressos – diz Helena Carlon Camargo, chefe do Departamento Estadual da Biblioteca Estadual e co-organizadora do evento, que conta com 43 estandes de editoras nacionais e livrarias locais. – Mas acrescentando a isso o encontro com grandes escritores de todo o país e a promoção de debates e oficinas, para promover a discussão e a popularização da literatura.

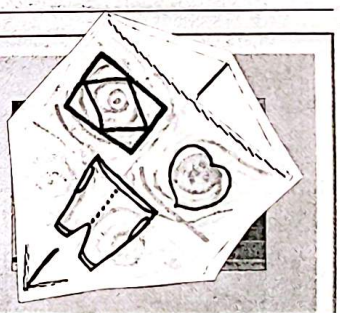
Tentando atingir principalmente o público do ensino médio, foi estrategicamente escolhida a Praça da Revolução, no Centro da cidade, para sediar o evento. No seu entorno encontram-se importantes espaços culturais como a Biblioteca Pública Estadual. A abertura, anteontem, teve um público aproximado de 700 pessoas. Neste primeiro ano, o evento foca dois temas: as literaturas amazônica e nordestina. Nesse sentido, haverá homenagens a Euclides da Cunha (que morreu sem realizar seu projeto de fazer um *Os sertões* amazônico) e eventos sobre contação de histórias, prática tipicamente nordestina.

Evento é a maior iniciativa em torno da leitura já organizada no estado do Acre

– Como o estado tem uma forte população vinda do Nordeste, a contação de histórias está no *ethos* do acreano – observa Daniel Queiroz de Sant'Anna, diretor-presidente da fundação de cultura Elias Mansour. – Temos uma das tradições orais mais fortes do país.

Bolivar Torres viajou a convite da Bienal da Floresta do Livro e da Leitura

JB CPDoc
Documentos **jornalísticos históricos, iconográficos e textuais**, produzidos pelo Jornal do Brasil desde a sua fundação em 1891.


Pesquisa e licenciamento
cpdoc@jb.com.br | (21) 3293-3800

Digitalizado com CamScanner